

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 6 — VOL. III.

Sabbado 12 de Fevereiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ANTIGOS: — Historia da actualidade — A ilha de Cos — A villa de Caminha — Litteratura portugueza — A villa de Castello de Vide — População na China — O real palacio d'Ajuda — Batatas — O Forum de Roma — Alva Estrella — O engetado, continuação.
GRAVURAS: — O platano da ilha de Cos na praça publica da cidade — Brasões d'armas das villas de Caminha, e Castello de Vide — O real palacio d'Ajuda — O antigo Forum de Roma.

Historia da actualidade.

São uniformes os jornaes políticos nas queixas por falta de segurança publica, tanto na capital, como nas estradas suburbãs.

— A estatística dos asylos da infancia desvalida, no dia 31 de Janeiro, dava recolhidos n'estes estabelecimentos da capital e d'Ajuda, quinhentas e oitenta e seis creanças.

— N'este sabbado é a estreia da companhia lyrica italiana no theatro de D. Fernando.

— Finalmente resolveu-se na camara municipal que na margem esquerda do Tejo, além das caldeiras que já existem para os pequenos barcos, e que vão ser devidamente desobstruidas, se construam outras entre o arsenal de marinha e caes do Sodrê, e entre as duas alfandegas, a grande e a municipal.

— Da ultima loteria da misericórdia, feita a venda dos bilhetes pelo novo systema, ficaram na casa mil e quinhentos, que os portadores de senhas não foram buscar.

— Os provadores da companhia de vinhos do Porto, apresentaram já o seu juizo do anno sobre a colheita passada. Em resumo dizem que a novidade de 1858 foi superior ás que a tem precedido desde 1854; abundante na parte colorante, ten-

dente em grande parte para verde, por ter sido prematuramente vindimada.

— A estatística do concelho de Vianna do Castello, em 1858, deu em resultado oito mil cento e quinze fogos, com dezoito mil duzentos trinta e cinco habitantes do sexo masculino, e vinte mil seiscentos quarenta e quatro do sexo feminino.

— No mesmo periodo foram os obitos no mesmo concelho trezentos sessenta e oito do sexo masculino, e trezentos sessenta e quatro do feminino.

— N'este mesmo anno houve ali duzentos setenta e dois casamentos.

— Os nascimentos verificaram-se ser, n'este an-

no, seiscentos e dezeseite do sexo masculino, e quinhentos e quatorze do feminino.

— Na sexta feira pretendeu um individuo precipitar-se da muralha de S. Pedro d'Alcantara, o que felizmente não pôde conseguir.

— A ilha de S. Miguel, conta actualmente, sete jornaes em Ponta Delgada, e dois na Ribeira Grande. Nenhum é diario.

— A emancipação dos servos na Rússia marcha lentamente, e por isso os resultados obtidos ainda não satisfazem os desejos publicos.

— Parece que o emprestimo austriaco, aberto em Londres, não tem encontrado grande numero de subscriptores.

— Lord Palmerston propõe-se dirigir agora na camara dos commons a opposição contra o actual gabinete, e equal papel desempenhará Granville nos lords.

— Falla-se em que o governo inglez vae abrir um emprestimo de dez milhões esterlinos com applicação a armamentos maritimos.

— Correm boatos de que o Montenegro rompeu as hostilidades por causa da nomeação do novo hospodar.

— O ministro da fazenda em Turim demonstrou na respectiva camara a necessidade de preparar a defesa do paiz, em vista dos preparativos da Austria.

— O jornal hespanhol *La Discussion* foi condemnado na multa de oito mil reales por ter escripto um artigo contra o imperador Napoleão.

— O governo austriaco prohibiu a exportação de cavallos.

— Em Veneza tem-se precedido ultimamente a grande numero de prisões.

— O Paraguay arma-se para resistir aos Estados-Unidos.

— Arma-se uma esquadra brasileira para observar a esquadra americana.



O platano da ilha de Cos na praça publica da cidade.

— Diz um jornal francez que Eugenio Scribo tem ganho até hoje, pelas suas produções dramaticas, oitocentos contos de réis, pouco mais ou menos.

— Em Paris demoliram-se no espaço d'estes ultimos sete annos tres mil seiscentas e vinte cinco casas, que foram substituidas por oito mil cento e oitenta e sete novas construcções.

— Nos suburbios da mesma cidade demoliram-se dois mil setecentos e oitenta e dois edificios, que se substituram por vinte e tres mil novecentas e cinco novas construcções.

— A força total do exercito inglez é do effectivo de duzentos vinte e dois mil e duzentos trinta e oito homens, e vinte e dois mil oitocentos vinte cinco cavallos.

— Actualmente estão-se construindo nos arsenaes inglezes vinte e oito vasos de guerra, pela maior parte a helice.

— Nas costas da Syria naufragaram ultimamente mais de cinquenta navios.

— O imperador Faustino do Haiti, está a ponto de ser destronado pela revolução que vae progredindo no seu imperio.

— O principe Napoleão, e sua esposa a princeza Clotilde, entraram em Paris, no dia 4 de corrente.

— A totalidade das exportações na Russia, durante o anno de 1857, foi de cento e cinquenta e um milhões seiscentos e seis mil setecentos e noventa e nove rublos, o que deu em resultado trinta milhões mais do que no anno anterior.

— No mesmo periodo montaram as exportações a somma de trezentos vinte e um milhões duzentos e cinquenta mil rublos.

— Morreu de uma apoplexia em Bolonha, a marquezeta Leticia Pepoli Murat, filha do ex-rei de Nápoles.

— Em Barle Dogne (França) falleceu na idade de oitenta e tres annos, o ultimo mameluko da guarda imperial de Napoleão I.

— Descobriu-se agora que ha no Japão a variedade de camelias azues, cuja existencia até hoje era impugnada pelos agricultores europeus.

— Consta que se subscreveram promptamente em Paris as acções para a construcção de um caminho de ferro dos Pyreneos á fronteira de Portugal.

— Diz-se que por causa das obras do aterro da Boavista, se vae transferir a nossa casa da moeda para o edificio da Fundição.

— Na excavação que se está fazendo na rua dos Retrozeiros encontraram-se vestigios de um edificio de banhos, do tempo dos romanos.

— Vae arborisar-se a rua dos Anjos, da cortina da ermida da Senhora do Resgate até ao largo de Santa Barbara.

A ilha de Cos.

Esta ilha, chamada hoje Stancho, é uma das mais pequenas do grupo das Sporadas, no Archipelago, e jaz situada nas costas da Anatolia, a cinco leguas nordeste de Stampalia e a dezesseis noroeste de Rhodes. Não obstante o nome porque é conhecida, não perderá nunca o antigo — Cos, por que ahi tiveram seu berço o mais celebre medico e o maior pintor da Grecia — Hippocrates e Apelles. O seu porto é magnifico, e o territorio feracissimo.

Toda a ilha possui aspecto seductor; mas o que mais encanta é a praça publica, no centro da qual avulta um enorme platano, cujos ramos, que completamente a cobrem, curvados ao proprio peso, poderiam quebrar-se, se não fosse o cuidado dos habitantes, que lhe prestam uma especie de culto; e como n'estas regiões tudo apresenta vestigios da antiga grandeza, empregam, para amparar a velhice d'esta arvore respeitavel, columnas de marmore e de granito. Uma abundante fonte augmenta o encanto d'este sitio, sempre frequentado pelos habitantes, que ahi vão procurar asylo contra o calor do sol.

A villa de Caminha.

Na parte extrema de Portugal para o norte, sobre o rio Minho, que o separa da Galliza, e junto

ao oceano, está edificada a villa de Caminha. Distante de Vianna tres leguas para o norte, e quatro da praça de Valença para o sudoeste.

Está assentada agradavelmente entre os rios Minho, que forma o seu porto, e o Coura, que perto d'ella se incorpora no primeiro, que entra no mar a meia legua da villa. Uma fortaleza, levantada sobre um cabeço secco na foz do Minho, divide a barra em duas, uma portugueza, outra gallega, ambas de facil accesso para embarcações do lote de hiates.

Dizem que esta villa foi fundada por um fidalgo da Galliza, chamado Caminho, de que lhe provém o nome. Não encontramos memoria da epoca da sua fundação, mas sim que achando-se inteiramente arruinada, el-rei D. Afonso II a mandara reedificar e povoar pelos annos de 1265. El-rei D. Diniz deu-lhe foral em 24 de Julho de 1284, e augmentou-a, fazendo-lhe varias obras de defesa.

D. Afonso V fez conde de Caminha a Pedro Alvares de Sottomaior, visconde de Tuy, fidalgo da Galliza, que, passando a Portugal, entrou no serviço d'aquelle soberano, e seus descendentes vieram a ser alcaides-móres da mesma villa. Filipe IV de Hespanha, durante o seu dominio em Portugal, fez duque de Caminha a D. Miguel de Menezes, primogenito dos marquezes de Villa Real, que perdeu a vida no cadafalso por entrar com seu pae e outros fidalgos na conspiração contra D. João IV e em favor de Castella.

Por tres vezes foi esta villa cercada de fortificações. A primeira vez em tempos muito antigos, ao que parece no reinado de D. Diniz, com muralhas de cantaria, guarnecidas de dez torres, e com quatro portas, chamadas da Villa, esta coroada por uma torre com relógio, do Sol, Nova, e da torre do Marquez, junto da qual houve um grande caes, onde vinham carregar ou deitar carga navios de muito maior lotação do que os que presentemente ali podem entrar. As arcas foram cobrindo o caes até o enterrarem de todo. No principio do seculo passado já esta ultima porta se achava tapada de pedra por inutil. O seu nome derivava-se do palacio, que os marquezes de Villa Real tinham n'esta villa, contiguo á dita porta.

A segunda cerca, muito mais moderna, foi construida com pedra d'alvenaria, e apenas n'ella havia a porta de Vianna, e um postigo com serventia para o rio Minho. A terceira fortificação, do tempo das guerras da aclamação de D. João IV, tambem de obra d'alvenaria, com fossos, e contra-escarpa, foi executada em maior escala, abrangendo dentro em si quasi toda a povoação, e com seis portas.

A igreja matriz, unica parochia da villa, é um dos mais bellos templos de architectura gothica, que possui a provincia do Minho. Langou-se a primeira pedra nos seus alicerces no dia 4 de Abril de 1488, reinando D. João II; porém estando as obras ainda atzadas, quando el-rei D. Manuel succedeu na coroa no anno de 1495, este soberano concorreu com largas esmolas para o seu acabamento. E' este templo todo de pedra, com um rico portal, ornado de mui variadas esculpturas. Possui ricas alfaydas, e entre as suas imagens sagradas sobressae pela devoção em que é tida, e pela excellencia da esculptura, uma imagem de vulto de Christo-Ecce-Homo, que veio de Inglaterra no tempo em que Henrique VIII, abolido no seu reino a religião catholica, declarou a mais cruel perseguição contra os que não quizeram abjurar as santas crenças de seus maiores.

A igreja e hospital da misericordia foram fundados no anno de 1551. Por occasião da guerra da independencia contra Castella, estabeleceu-se n'esta villa um hospital militar.

Havia dentro da villa um convento de frades capuchos da invocação de Santo Antonio, edificado em 1618 pelo marquez de Villa Real, D. Miguel de Noronha; e um convento de freiras franciscanas, que existe, intitulado de Nossa Senhora da Misericordia, construido em 1561 por D. André de Noronha, bispo de Portalegre, e que primeiro fóra abbade da igreja matriz de Caminha.

Tem esta povoação uma grande praça em frente da misericordia, muitas casas boas, as ermidas de Nossa Senhora da Piedade, S. Sebastião, S. João, Nossa Senhora do Guadalupe, e Nossa Senhora da

Graça; e varias fontes e poços de excellente agua dentro e fora dos seus muros.

O termo é abundante de cereaes, legumes, vinho, fructa, hortaliças, mel e cera, linho, gados, e caça. O oceano e o rio Minho não só a abastecem de muita quantidade, e infinita variedade de peixes, mas até lhe offercem nas pescarias um ramo importante de commercio. No rio pescam-se em grande abundancia salmões, lampreas, solhos, trutas e sáveis, que d'aqui se exportam para muitas terras do interior.

Os arrabaldes de Caminha são muito lindos. Bastam para fazel-os formosos as margens encantadoras do rio Minho. O seu porto é frequentado por muitas embarcações, que lhe entreteem bastantes relações commerciaes com Lisboa e outros portos do reino. No anno de 1851 entraram n'elle cento e treze embarcações com oito mil cento e quarenta e sete toneladas, e saíram cento e oito.

Foram naturaes d'esta villa o famoso jurisconsulto Pedro Barbosa, que reformou as ordenações do reino; e João Soares Rebello, celebre compositor de musica, muito estimado d'el-rei D. João IV.

A população de Caminha anda por mil e trezentas almas. No antigo regimen tinha voto em córtes, e os seus procuradores tomavam n'ellas assento no banco decimo terceiro. Tem por brasão de armas um escudo com uma fortaleza sobre o mar.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Litteratura portugueza.

DA LITTERATURA EM GERAL.

O dominio das letras comprehende toda a extensão do espirito humano. A litteratura em geral consiste nos estudos quer theoreticos, quer practicos, que ensinam ou concorrem a formular, depurar e exprimir, por meio da linguagem articulada, fallada ou escripta, em prosa ou em verso, os pensamentos, sentimentos e acções do ser humano.

O seu fim pratico está n'essa expressão por palavras; mas, como os pensamentos, sentimentos e acções humanas são operações cada uma derivada de cada um dos tres grupos de facultades de que o homem é dotado — intelligencia, sensibilidade, e vontade; tal fim pratico decompõe-se em tres fins medios, a saber: — comunicar ou suscitar pensamentos, dirigindo-se á intelligencia — instruir: — comunicar ou suscitar sentimentos e affectos, fallando á sensibilidade — mover: — comunicar ou suscitar acções em relação á vontade — persuadir.

Exercitando as nossas facultades, quer busquemos instruir, quer mover, quer persuadir, o objecto dos nossos discursos, escriptos ou fallados, hade ser: ou o bello, ou o bem, ou o verdadeiro, ou o justo, ou o util, e seus contrarios, ou conjuntamente dois ou mais d'estes objectos, que technicamente se denominam os fins moraes da litteratura.

Em relação a estes fins practicos e moraes, tres são os graus da litteratura: o primeiro é o dos estudos e composições litterarias que só tem em vista o bello; chama-se litteratura amena; o segundo é o das composições e estudos que se dirigem ao bem, ao verdadeiro, ao justo, ou ao util, ou a dois ou mais d'estes fins; denomina-se litteratura didactica; o terceiro, e sem duvida o mais difficil, é o dos estudos e composições que associam algum ou alguns dos fins do segundo grau com o fim unico do primeiro; e por isso o designaremos por litteratura mixta. Ordinariamente a moção emprega-se no primeiro d'estes graus, a instrução no segundo, e a persuasão no terceiro.

A estes tres graus correspondem tres formas exteriores de expressão, ou de linguagem: a primeira, que é a forma adequada ao primeiro grau, isto é, ás obras em que a imaginação e a paixão dominam, está sujeita a certas regras, que limitam o numero e determinam a quantidade das syllabas, repetindo ordinariamente os mesmos accentos, ou os mesmos consoantes; toma o nome de verso; a segunda, que é a forma propria do segundo grau, isto é, das obras em que o raciocinio prevalece, desinvolve-se

mais livremente, sem estar subordinada aos preceitos rigorosos da primeira; é o que se chama *prosa*: a terceira, que é a conveniente ao terceiro grau, consiste no meio termo do verso e da prosa; sem prescindir das liberdades d'esta, aventura-se aos rasgos próprios dos generos litterarios em que aquelle se emprega; por isso denomina-se *prosa poetica*.

A litteratura em geral é theorica, ou pratica: a theorica é o complexo de conhecimentos abstractos, que nos levam áquelles fins, graus e formas: a pratica consiste nas produções litterarias em que se põem por obra as indicações theoricas, no conhecimento d'essas produções, e na sua apreciação ou critica. A primeira investiga os principios e dá as regras; a segunda offerece-nos modelos: aquella leva-nos ao facto pelo preceito; esta confirma o preceito pelo facto: são ambas a contraprova reciproca de si mesmas; completam-se uma pela outra.

Quer theorica, quer praticamente considerada, pode tambem tomar-se a litteratura em tres sentidos: *lato*, *restricto*, e *strictissimo*.

A litteratura theorica no sentido lato abrange todos os conhecimentos humanos em geral; porque com todos elles utiliza mais ou menos a belleza dos pensamentos e linguagem. A experiencia nos mostra que a variedade de lição, e a profundidade no saber facilitam, embelezam, depuram, e enriquecem o objecto e a phrase nos escriptos de todos os generos. O litterato, para ser consummado, deve não só estar senhor do seu assumpto e forma propria de o expor, mas até do que directa, ou indirectamente n'isto possa ser-lhe util.

Sob este modo de ver, fica a litteratura intimamente ligada com a erudição, formando como que a synthese d'ella. Mas nem por isso com ella se confunde; porque, limitando-se a ter em vista a expressão conveniente das idéas, affectos, e acções, por meio da palavra, tamsómente cura dos resultados externos da erudição, em quanto precisos a obtenção de tal fim: de modo que, ora lhe reveste a superficie, sem lhe prescrutar os segredos, ora lhe colhe as flores, sem lhe explorar as raizes: assim a litteratura mais presuppõe a erudição, do que se compenetra com ella. Por esta maneira entendida, está a litteratura theorica no sentido lato bem longe de ser um mero ideal: é para o espirito humano o que o alfabeto é para as linguas, o que o algarismo é para as mathematicas.

Porém, esta distincção entre a litteratura e a erudição não seria bastante para que a primeira constituísse um ramo especial na grande arvore dos conhecimentos humanos, se não tivesse as partes elementares que a caracterizam, e que são como que o foco, d'onde reflecte os raios luminosos, com que esclarece os objectos a que os applica. O complexo d'estas partes elementares da litteratura é o que se chama litteratura no sentido stricto.

Um simples raciocinio nos vae mostrar quaes essas partes sejam. Se a litteratura em geral tem por fim formular, depurar e exprimir as operações do nosso espirito por meio de palavras, os seus elementos hão-de consequentemente incluir-se n'aquellas disciplinas, cujo objecto consiste na investigação, direcção e aperfeiçoamento d'essas mesmas operações e sua expressão oral ou escripta; disciplinas estas a que se dão os nomes genericos de *humanidades* e *theoria das bellas-lettras*: entendendo-se por humanidades o complexo das disciplinas que respeitam ao espirito humano e seus phenomenos, á moral, ao fallar, á escripta, e á leitura sob a forma scientifica e nas suas relações uteis, taes como a philosophia racional e moral, a historia, a grammatica, a linguistica; e denominando-se theorica das bellas-lettras o complexo das disciplinas que tem por objecto essas mesmas faculdades nas suas applicações apraziveis e em relação ao bello, taes são a esthetica, a rhetorica, a poetica, e a critica litteraria theorica.

No terceiro sentido—strictissimo, em que ainda se pode tomar a litteratura theorica, circunscreve-se ella á theorica das bellas-lettras, isto é, deixando de parte a erudição e presuppõdo o estudo das humanidades, restringe-se á esthetica, á rhetorica, á poetica, e á critica litteraria theorica. E' n'este sentido que mais communmente se emprega a palavra litteratura; porque é nas bel-

las-lettras que a belleza dos pensamentos, dos affectos, das acções, e da linguagem, com que os exprimimos, não só são uma condição importante, mas essencial.

Advirtamos porém que n'estes dois ultimos sentidos, restricto e strictissimo, a litteratura se diz mais ou menos restricta em relação ao maior ou menor numero de disciplinas, que n'ella considera-se, e não em respeito á sua acção, que sempre se estende a todos os dominios do espirito humano; porque a litteratura, em ultima analyse, é a palavra, de viva voz ou por escripto, exprimindo com belleza os nossos pensamentos, affectos e acções; pela palavra exteriorisa todas as concepções de que a alma é susceptivel, e se ostenta n'esse vasto campo das sciencias e das lettras, como a interprete de todas; pela palavra e como ella é universal. A litteratura theorica é nos tratados e cursos respectivos que se estuda.

Como já levamos dito, tambem se pode considerar a litteratura pratica em tres accepções, correspondentes ás da litteratura theorica: a lata, comprehendendo as obras escriptas em todos os generos: a stricta, as que tratam assumptos de humanidades e bellas-lettras: a strictissima, as que só tomam objectos de bellas-lettras, ou as que se tornam singulares em algum ponto, que lhes interesse, como pela belleza dos pensamentos, pela elegancia da dicção, pela pureza da linguagem etc. E' pela historia litteraria que entramos no conhecimento da existencia d'essas obras, de quem foram seus autores, das epochas em que estes as escreveram, e de outras muitas circumstancias de facto, pelas quaes, conjuntamente com a applicação da critica litteraria a taes obras, se chega a apreciar o merecimento e importancia absoluta e relativa d'ellas. Por tanto a historia litteraria, o estudo e a analyse dos proprios escriptos dos diversos generos de composições, isto é, a critica litteraria applicada, constituem o objecto da litteratura pratica.

Porém, para ser consummado em litteratura, além do genero, não basta haver-a estudado na sua *theoria* e nos seus *modelos*; é tambem mister exercital-a, passando da litteratura pratica á *pratica* da litteratura, o que constitue a terceira e ultima phase de um curso completo n'este ramo.

Continua.

A villa de Castello de Vide

Segundo a opinião de alguns nossos antiquarios é esta villa uma das mais antigas povoações do Alemtejo, e já existia no tempo da dominação romana. Os que lhe dão tão remota origem, querem que o seu castello seja muito anterior ao reinado de D. Diniz, e dizem que este monarcha só lhe edificou a torre da menagem, e fez alguns reparos. Outros, porém, pretendem que foi el-rei D. Diniz o fundador do castello, e que desde então se ficou chamando a povoação Castello de Vide, em logar de Villa de Vide, nome que antes tinha.

Sobre a etymologia do nome, dizem os primeiros, que provém da sua posição junto da raia de Hespanha, chamando-se nos tempos antigos Villa de Vide, por abreviação de *Villa que divide*, isto é, que separa um reino do outro. Os segundos atei-mam, que o seu nome se deriva de uma vide, que plantaram chegada á porta do castello, logo que acabaram de o construir. E confirmam esta opinião com o brasão d'armas da villa, que é um escudo, tendo no meio um castello cercado por uma vide com seus cachos e parras.

Foi senhor d'esta villa o infante D. Afonso, irmão d'el-rei D. Diniz, e nas discordias, que tiveram entre si, foi por vezes theatro Castello de Vide d'esta lucta, querendo D. Afonso a todo o custo cercal-a de muros, e impedindo-lh'o com tropas el-rei D. Diniz. Mais tarde veio a construir-se a sua cerca de muralhas com quatro portas. Out'ora tinha voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro.

A villa de Castello de Vide, antiga praça d'armas, está situada na provincia do Alemtejo, junto á fronteira de Hespanha, em logar elevado, na encosta de um monte, que pertence á serra de Portalegre. Distá da cidade d'este nome duas leguas

e meia para o nornordeste, e uma legua da praça de Marvão para o poente.

Ha na villa tres parochias, que são: Santa Maria da Deveza, que foi primeiro uma ermida, edificada no anno de 1311, e é a matriz; S. João Baptista, que era da ordem de Malta, e antigamente da apresentação do grã-rior do Crato; e Santiago.

Tem casa da misericordia e hospital, que datam do reinado d'el-rei D. Manuel. Havia aqui dois conventos de frades, que eram: o de Nossa Senhora da Conceição, de franciscanos da provincia do Algarve, e o de Nossa Senhora da Victoria, de hospitaleiros de S. João de Deus, no qual se estabeleceram um hospital militar. Tem dois recolhimentos de mulheres pobres, uma igreja da invocação do Espirito Santo, e umas vinte ermidas dentro da villa e nos arrabaldes. A casa da camara é bom edificio. O castello é grande, e tem dentro muitas casas, aonde assistem bastantes familias.

Na villa ha muita e boa agua; nos arrabaldes porém abunda por tal modo em poços, fontes, e ribeiras, que faz aquellas cercanias muito ferteis e formosas.

As ribeiras da Vide, e de S. João cercam a villa com a frescura de suas aguas, e rodeam-na de frondoso arvoredo. Regam mais de duzentas hortas, pomares, e quintas; e fazem moer muitas azenhas, e engenhos de fabricas de pannos; pelo que todas as saídas da villa são muito amenas, e conduzem a lindissimos passeios.

O termo de Castello de Vide, em que se contam umas trezentas fontes, é muito productivo e bem cultivado. Recolhe muita castanha, peras, perros, e outras fructas de magnifica qualidade; muita e excellente hortaliça, sendo algumas especies de nomeada em toda a provincia; bastante copia de cereaes e legumes, vinho, azeite, e caça de todo o genero. Cria-se aqui muito gado, principalmente suino, que constitue um ramo de grande commercio e riqueza para esta villa.

A 10 de Agosto tem a sua feira de tres dias, á qual concorre muita gente, e muita variedade de generos. A população de Castello de Vide regula por perto de seis mil almas. A alcaldaria-mór d'esta villa anda na casa dos condes de Sabugal, que tambem são meirinhos-móres.

I. DE VILHENA BARBOSA.

População da China.

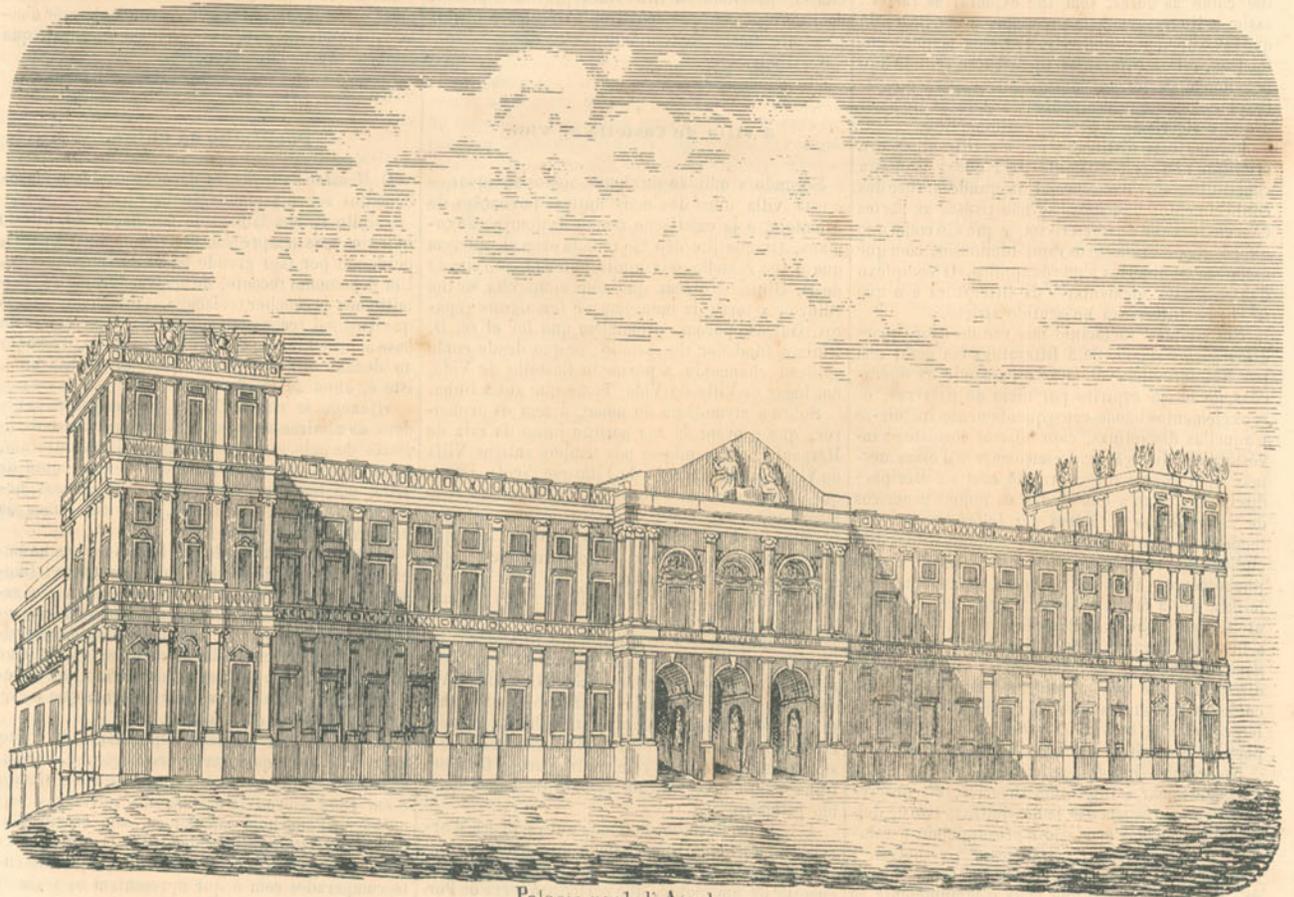
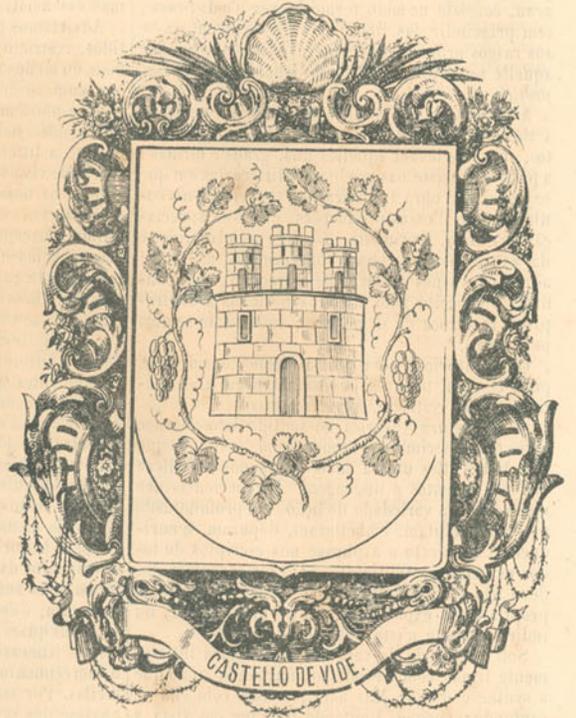
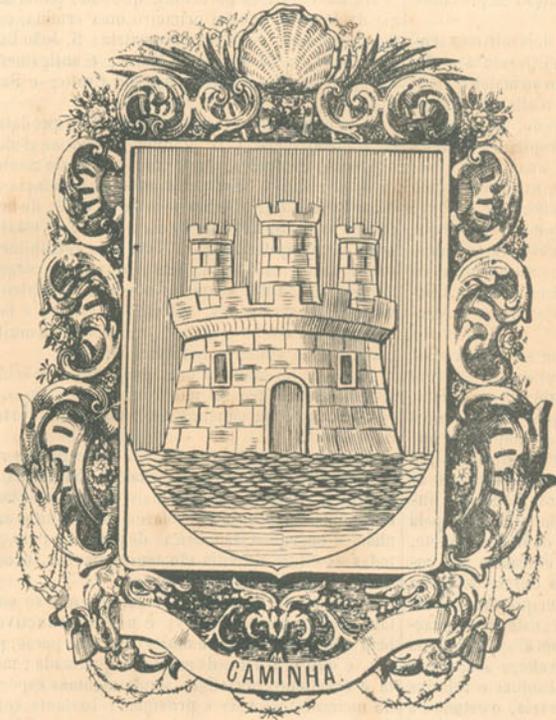
O *Monitor da esquadra* dá os seguintes esclarecimentos sobre a população da China:

«Muito se tem fallado da população do celesto imperio, mas sempre sob esclarecimentos antigos, perdendo por isso grande parte do seu interesse. Um documento recente, de origem authentica, permite-nos preencher tal lacuna, tanto maior quanto que o ultimo recenseamento official, que serve de base aos calculos de todos os geographos, remonta ao decimo oitavo anno do reinado de Kia-king, isto é, anno de 1815.

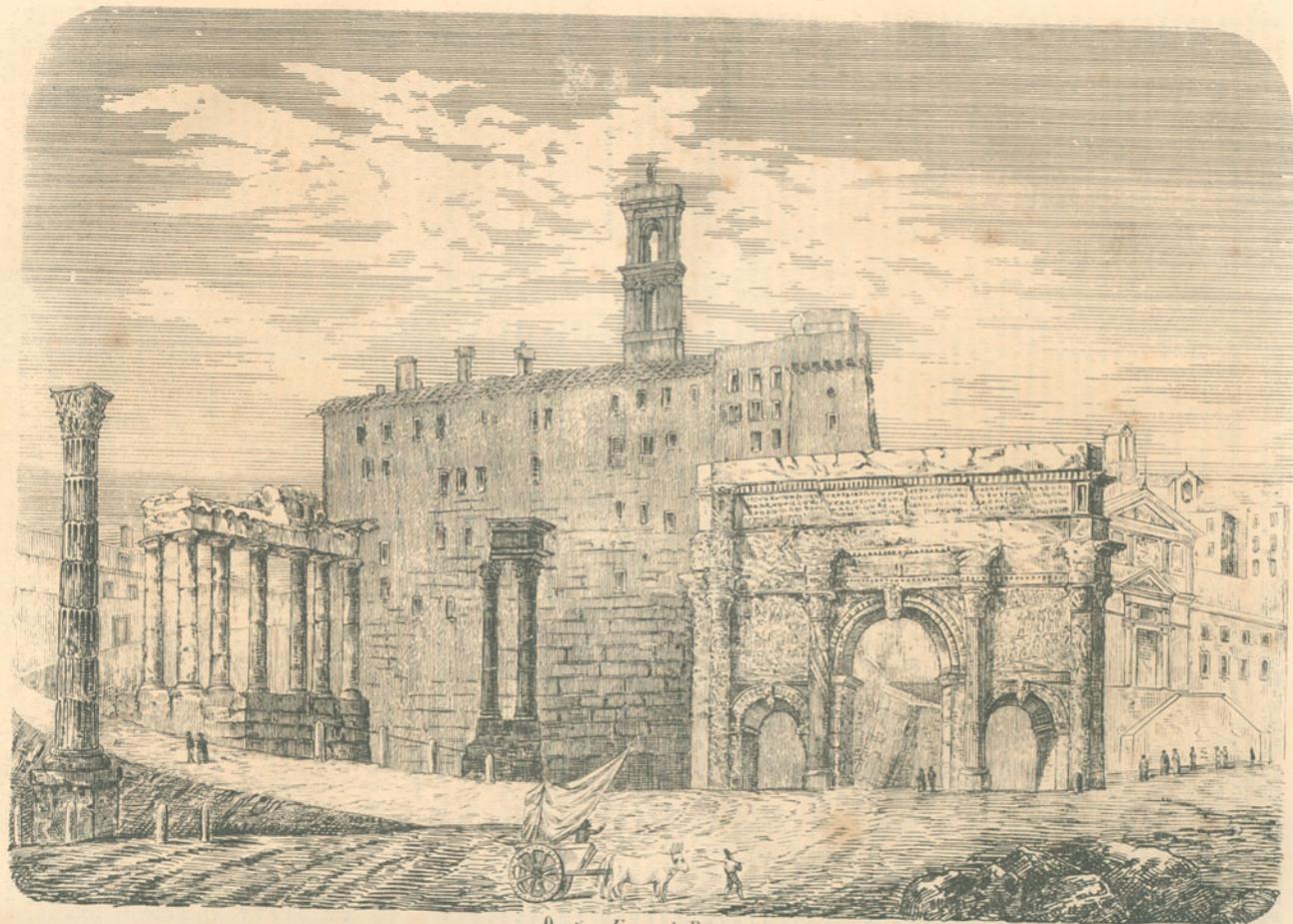
«Quando se atacou Cantão pela esquadra ás ordens do almirante Seymour, apoderaram-se os inglezes do palacio do vice-rei, e ahi encontraram, entre outros objectos preciosos sob este ponto de vista, um livro com estatisticas de alfandegas, noticias de commercio externo, e outros ramos da publica administração.

«Este livro, publicado em lingua chim, na imprensa nacional de Pekin, tinha por titulo: *Quadro da população da China e das suas colonias, segundo o recenseamento feito pelas ordens do sublime imperador Hien-foung, e no quarto anno do seu reinado* (1852). O imperador Hien-foung está hoje no throno, e o trabalho de recenseamento que ordenou é trinta e dois annos mais recente que o executado no tempo de Kia-king.

«Durante este periodo, a população da China augmentou em consideraveis proporções. Em 1815, era de trezentos setenta e um milhões d'almas; e em 1852 elevou-se a trezentos noventa e seis milhões. Pode hoje calcular-se, sem exaggeração, em quatrocentos milhões de almas. O espirito confunde-se pensando n'estes resultados, especialmente comparados com o que apresentam os maiores estados da Europa.



Palacio real d' Ajuda.



O antigo *Forum* de Roma

«Ha n'este immenso imperio aglomerações de população de que nada ha que possa dar uma precisa idea. A provincia de Kiang-Sou, só ella encerra trinta e sete milhões e novecentas mil almas; a de Gan-Hwuy trinta e quatro milhões; a de Kiang-Si trinta milhões; a de Chan-Toung vinte e nove milhões; a de Tchyl-Li vinte e oito milhões; a de Houpé vinte e sete milhões; a de Ho-Nan vinte e tres milhões e quinhentas mil almas. Ha n'estas diferentes provincias grande numero de cidades, cuja população varia entre quinhentas mil almas e um milhão. Ha simples aldeas, cuja população é de vinte e cinco mil almas.

«Este excesso de população é causa da existencia de bandos devastadores que percorrem continuamente o paiz; e cria essa massa enorme de individuos sem fogo nem lar, sempre prompta para tudo, e que são o flagello das grandes cidades do littoral. Produz tambem esse numero inesgotavel de emigrados que começam a substituir os pretos em todas as colonias da America do Sul, e cujo trabalho apresenta grandes vantagens.

«E' impossivel haver um paiz onde se leva mais longe o desapego á vida; e para não citarmos mais d'um facto, recordaremos que ha alguns annos os mandarin governadores das provincias de Tchyl-Li, de Kiang-Sou, de Chang-Toung, e de Tchou-Kiang não acharam outro meio de combater o crescimento da população senão autorizando os habitantes pobres a afogarem os filhos nos rios, vinte e quatro horas depois do nascimento; e este monstruoso meio foi posto em pratica.

«O desenvolvimento dos dois sexos na China acha-se em proporções mui vantajosas, e como ha poucos paizes onde as mulheres sejam tão fecundas, resulta que a população, em vez de diminuir ou parar, não pode deixar de continuar a crescer segundo uma progressão que escapa ás leis indicadas pelas taboas ordinarias da mortalidade.»

O real palacio d'Ajuda.

Depois que o memoravel cataclismo do 1.º de Novembro de 1755, abysmando Lisboa n'um verdadeiro cahos, destruiu os soborhos paços da Ribeira, obra de diversos reinados, desde o d'el-rei D. Manuel até ao de D. João v, ficaram os nossos soberanos por muito tempo sem ter na capital uma residencia digna de si.

Salvo el-rei D. José e sua familia dos perigos d'aquelle nefasto dia, refugiou-se em uma das reaes quintas de Belem. Não lhe consentindo o terror habitar em casas de solidos materiaes, levantaram-se na quinta extensas barracas de lona, e fazendo-se o mais que foi possivel commodas e confortaveis, n'ellas viveu por alguns mezes o monarcha, sem haver forças, que o resolvessem a procurar outra qualidade de residencia.

Como o tempo gasta do mesmo modo as impressões tristes ou alegres, veiu el-rei a consentir em que se edificasse ali um palacio com a necessaria vastidão para se alojar commodamente toda a real familia, mas com a expressa clausula de que se não havia de empregar na obra marmores ou cantaria.

Assim se construiu no alto de Nossa Senhora d'Ajuda, na quinta chamada de *Cima*, um vasto palacio quasi inteiramente de madeira. A instancias do Marquez de Pombal, que desejava que D. José tivesse uma habitação, como convinha a um rei, projectou-se a edificação de um grande e sumptuoso palacio, para o qual se fizeram dois riscos diversos, um que devia executar-se em Campo de Ourique, e o outro em Campolide.

Como porém el-rei consentia na obra mais por comprazer com o seu ministro, do que por vontade propria, ficou tudo em projectos. O soberano continuou a residir no seu palacio de madeira, e ali morreu.

Habitando n'elle a rainha D. Maria i ateou-se n'este paço um violento incendio, correndo o anno de 1795, que reduziu a cinzas todo o lado oriental. A familia real foi-se estabelecer no paço de Queluz; e pouco depois resolveu-se definitivamente a fundação de um novo palacio real. Foram successivamente encarregados de fazer o risco os architectos José da Costa e Silva, e Francisco Xa-

vier Fabri. Depois de muitas irresoluções foi preferida a planta do segundo, e escolheu-se para local da obra o mesmo do antigo paço d'Ajuda.

Os trabalhos, porém, só tiveram principio sob a regencia do principe D. João, depois rei, que lançou a primeira pedra nos alicerces abertos no sitio do incendio.

Começou a obra com muito fervor; porém a partida da familia real para o Brazil e a occupação franceza em 1807 vieram paralyzal-a por algum tempo. Depois recommencaram os trabalhos com mais actividade, e progrediram sem interrupção até Agosto de 1833, em que pararam inteiramente por causa da guerra da restauração da liberdade, e do throno da rainha D. Maria II, e assim ficaram até ao presente.

Edificado sobre um oiteiro pertencente á serra de Monsanto, nas faldas do qual se estende o bairro de Belem, acha-se o palacio d'Ajuda em uma linda situação. Dominando o Tejo em uma grande extensão do seu curso; descobrindo para o occidente muitas leguas de oceano, e para o oriente uma boa parte de Lisboa, destrucida-se das suas janellas e terrados formosas e variadas perspectivas.

Segundo o risco deve este edificio formar um quadrilongo com quatro magestosas fachadas exteriores, rematadas por quatro torresões, mais elevados, e coroados de tropheos. No centro deverá ter dois grandes pateos quadrados, para cada um dos quaes o palacio fará outras quatro frentes.

A fachada principal é a que olha para o Tejo (sul). N'esta, que apenas tem construída a terça parte, é que deve ser a entrada mais nobre do paço, em um corpo central e saliente, que se hade erguer no topo da calçada d'Ajuda, mas que ainda nem principiado está.

N'este corpo, que deverá ser mais rico em ornatos de architectura, e que divide os dois pateos, é onde o architecto destinou collocar as principaes salas do paço.

A fachada, que a estampa junta representa, está voltada para Lisboa (leste), e é uma das duas mais pequenas do quadrilongo. O seu comprimento anda por metade, ou pouco mais, das outras duas. A esta frontaria só falta para estar completa a cupula, que deve coroar o corpo do centro, onde se veem duas estatuas sentadas.

Por conseguinte o que está construído é apenas a terça parte do palacio, conforme a planta. Mas assim como se acha, já pode offerecer a uma numerosa familia real todas as commodidades e larguezas desejadas.

Os tres porticos d'esta ultima fachada dão entrada para espaçoso vestibulo, decorado de estatuas mettidas em nichos, executadas por Joaquim Machado de Castro, Faustino José Rodrigues, Joaquim José de Barros, João José d'Aguiar, e outros esculptores. As escadas que sobem d'este vestibulo eram as particulares do serviço dos quartos das pessoas reaes, mas que actualmente servem para as grandes recepções, visto não estar feita a escada principal.

Não comporta o espaço d'este jornal uma descripção minuciosa de todos os objectos d'arte, que se encerram n'este palacio. Mencionaremos tãsmo algumas d'essas obras, e os nomes dos mais notaveis artistas, que ali foram empregados.

No primeiro pavimento ha uma comprida galeria de salas, umas ornadas de ricos pannos d'Ar-rás, e outras de pinturas a fresco, ou a oleo. No andar nobre estão as salas dos archeiros, da tocha, dos embaixadores, da audiencia, do throno, e outras muitas, umas decoradas de pinturas a oleo, ou a fresco, e outras vestidas de damascos ou setins.

A sala chamada da aclamação de D. João IV, porque nas suas paredes se vê representada esta cerimonia e festa nacional, foi pintada por José da Cunha Taborda. A que mostra a partida d'el-rei D. João VI e mais familia real do Brazil para Portugal, e a sua chegada a Lisboa, é obra do pincel de Cyrillo Volkmar Machado.

Nas outras salas, e nos quadros a oleo, que adornam os corredores, veem-se producções do Vieira portuense, de Sequeira, de Foschini, de Botelho, de Calisto, dos dois acima referidos, e de outros mais.

Tem este paço diferentes oratorios, má a grande capella, que fica no andar nobre, sobre o vesti-

bullo para o lado do pateo, é grande e muito rica em obra de esculptura em marmore.

A frente que a estampa representa cae sobre uma grande praça; e a que está voltada para o sul deita sobre terrenos, que devem, segundo o plano, ser transformados em jardins, pelo que se vê o envasamento d'essa fachada todo cheio de nichos para estatuas.

N'este palacio habitaram algum tempo suas altezas reaes as infantas D. Isabel Maria, então regente, e D. Maria d'Assumpção, e a princeza do Brazil, viuva, D. Maria Benedicta, irmã da rainha D. Maria I, que ali morreu. Nos reinados da rainha D. Maria II, e do Senhor D. Pedro V, tem servido para funcções da corte, como beijamões, e banquetes.

Este palacio é todo construído de marmore branco, ou pedra lioz, que já se conta entre os marmores. Apesar de faltar tanto para o seu acabamento, no que está feito se tem gasto uns poucos de milhões de cruzados. Contiguo ás suas obras, para o lado occidental, vê-se ainda uma grande parte do paço velho d'Ajuda, que se havia de ir demolindo, á maneira que o novo se fosse estendendo sobre o seu terreno.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Batatas.

A batata, chamada ingleza ou irlandeza (*Solanum tuberosum*), cuja cultura está espalhada por todos os paizes temperados do mundo civilizado, e que occorre ás necessidades da maior parte da raça humana, e contribue á alimentação e engordamento dos animaes, é de tamanha importancia para nós como o milho, trigo, e arroz. Encontra-se no estado selvagem no Chili, nas montanhas junto a Valparaizo, cerca de Montevideo, em Lima, Quíto, Santa Fé de Bogota, e ultimamente no Mexico, nas vertentes do rio Orizaba.

A historia d'esta planta, bem como a da batata doce (*sweet potato*) está involvida em obscuridade. As diferentes versões relativas á sua introdução na Europa não concordam. A especie commun foi trazida a Hespanha, no começo do seculo XVI, das visinhanças de Quito, onde, assim como nas colonias que foram de Hespanha, este tuberculo é conhecido com o nome de *papas*. A primeira obra onde a batata se encontra mencionada é a *Chronica do Perú*, impressa em Sevilha no anno de 1553, e na qual o autor Pedro de Cieca dá a descripção e uma gravura. De Hespanha parece ter passado para a Italia. Clusius propagou-a em Vienna, no anno de 1598, e d'ahi se espalhou pela Alemanha, e sul da Europa. Chegou a Inglaterra por outra via. Pretende-se que foi importada da Virginia, em 1586, pelos colonos de Raleigh; facto pouco verosimilhante, pois que a batata, quer cultivada, quer selvagem, era desconhecida n'aquella epoca, na America do Norte. Ainda mais, Gough, na sua edição da *Grã-Bretanha*, por Campden, diz que ella foi plantada pela primeira vez por sir Walter Raleigh, nas suas terras de Youghall, junto a Cork, e que se cultivava já na Irlanda, antes de em Inglaterra se apreciar o seu valor. Gerard, na sua *Flora*, publicada em 1597, dá um desenho d'esta planta, a que chama *batata virginiana*, para a distinguir da batata doce (*batata edulis*) e recommenda esta raiz que *se deve comer*, diz elle, como *delicada iguaria*. Não diz que seja alimento vulgar.

«A batata doce, diz sir Joseph Banks, passava em Inglaterra por iguaria delicada, muito tempo antes da introdução da batata commun: importava-se em grande quantidade de Hespanha e das Canarias, e attribuia-se-lhe a propriedade de reanimar os temperamentos enfraquecidos». — Diz-se que a batata foi accidentalmente introduzida da Irlanda em Inglaterra, n'uma epoca pouco anterior á indicada por Gerard, em consequencia do naufragio, nas costas de Lancashire, d'um navio que transportava grossa cargação d'ella. Em 1663, a sociedade real de Inglaterra, no fim de obviar á fome, adoptou providencias para animar a cultura d'esta planta. Ainda que a sua utilidade como alimento começasse a propagar-se, não se lhe attribuia grande valor; e no fim do seculo XVI, cem annos depois da sua introdução, os autores de

obras de horticultura fallavam d'ella com indifference. «A batata, disse um d'elles, é utilizada, na Irlanda e na Inglaterra, como o pão, e pode-se, no interesse das classes pobres, propagar a produção.» Os agronomos de Londres e Wise não a julgaram digna de se mencionar no seu *Jardineiro completo*, publicado em 1719. Pouco a pouco propagou-se o uso da batata, e principiou-se a conhecer o seu beneficio. Só foi no mgado do seculo passado que geralmente ficou conhecida em Inglaterra e na America do Norte. Desde então a sua produção espalhou-se com incrível rapidez.

A epoca da introdução da batata commum nas colonias inglezas da America do Norte não é precisamente conhecida. Está indicada entre as produções da Carolina e da Virginia, em 1749, e no mesmo anno, entre as da Nova York e Nova Inglaterra.

É cultivada esta planta em toda a Europa, grande parte da Asia, na Australia, nos paizes meridionaes e septentrionaes da Africa, e ilhas adjacentes. No continente americano, excepto algumas partes da zona torrida, cultivam-na desde o Labrador, a leste, e estreito de Nootka, a oeste, até ao cabo Horn.

A batata *edulis* (doce) é originaria das Indias orientaes e da America intertropical; era esta a batata citada pelos antigos escriptores inglezes do começo do seculo xiv. Foi sem duvida introduzida na Carolina, Georgia, e Virginia, depois da sua colonisação pelos europeus, pois que desde 1648 citavam-na como producto agricola d'estas colonias. Cresce abundantemente em todos os estados do sul; encontra-se, ao norte, até Nova-Jersey, e na parte meridional do Michigan.

Em Portugal ha ainda poucos annos que importavamos quasi toda a batata commum de Inglaterra. N'estes ultimos tempos tem propagado tanto a sua cultura, que tambem já a exportamos. A batata *edulis* cria-se perfeitamente em a nossa provincia do Algarve, e ilhas, sendo afamada pela sua excellente qualidade, e propriedades saccharinas.

O Forum de Roma.

O que são as vicissitudes do tempo, e a fragilidade das coisas humanas! Como se unem e contrastam na historia dos povos e nas scenas do mundo a grandeza e a pequenez, a opulencia e a miseria, a gloria e a obscuridade!

Ao ver as areias sem fim do deserto, cercando e cobrindo as magestosas ruinas de Palmyra e de Balbec; ao contemplar em torno dos tristes restos da soberba e populosa Babilonia a esterilidade de um solo arido, e o silencio das solidões apenas interrompido pelo bramido das feras; não parecerá ler-se n'este contraste um decreto da Providencia, ordenando que aos grandes quadros do poder e das vaidades dos homens, se sigam os paineis do nada d'esse poder, e da illusão d'essas vaidades!

Mas em parte alguma está pintada mais ao vivo a representação d'essas oppostas scenas, do que no *Forum* da antiga Roma. Os magnificos templos, os esplendidos arcos triumphaes, e outros sumptuosos monumentos levantados ali pelos imperadores romanos para attestar ás edades futuras a grandeza e o immenso poderio do imperio dos Cesares, hoje, arruinados ou destruidos, são um documento da fraqueza do esforço humano, e da impotencia da sua vontade contra as vicissitudes da sorte, e contra a acção consumidora do correr dos tempos. E o esplendido *Forum* da orgulhosa Roma, sede de liberdade, e campo de heroismo, quando os dictadores largavam o arado para salvar a patria, e deixavam o governo do estado para novamente se entregarem aos trabalhos d'agricultura; esse *Forum* tão celebrado, onde o povo romano se juntava para decidir da guerra ou da paz do mundo, serve agora de feira de gado!

No lugar onde o povo rei exercia a sua soberania, e patenteava a sua civilisação, reúnem-se e accumulam-se ao presente os irracionaes! No proprio sitio, onde resoava a voz eloquente de Cicerão, levanta-se agora o mugido dos bois, o balido das ovelhas, e o grunhido dos porcos! E a magestosa praça decorada com o nome pomposo de *Forum romanum* dá-se-lhe hoje o nome de *Campo*

vaccino, Campo das vaccas! Que humilhação historica para tantas glorias e grandezas de que foi theatro o *Forum* da antiga Roma!

A Roma dos reis tinha o seu assento sobre o monte Aventino. Roma republicana brilhava e dominava do alto do Capitolio. A Roma dos imperadores assombrava o mundo, desthronava os reis, e alegava os povos, de cima do monte Palatino. Porém a Roma de todas essas epocas tinha o *Forum* por centro da sua vida e acção.

Havia na cidade muitas praças, a que se dava o nome geral de *Forum*, umas que serviam de mercados, e outras para reuniões publicas. Mas denominava-se por excellencia *Forum romanum* aquella de que nos occupamos, onde o povo era consultado nos negocios graves do estado.

O *Forum* foi, pois, na sua estrutura physica a perfeita imagem da organização moral de Roma n'essas diversas epocas. A singeleza dos costumes dos primeiros tempos de Roma, e as virtudes civicas dos cidadãos da republica, estiveram durante seculos retratadas na simplicidade e modestia dos edificios publicos, que cercavam o *Forum*. Então praticavam-se ali amiudo singulares actos de heroicidade, e os mais nobres exemplos de amor de patria.

Quando as riquezas, originando o luxo, corromperam os costumes, e amollecaram os cidadãos, foram banidas do *Forum* as suas singelas construcções, e em seu lugar ergueram-se monumentos sumptuosos. Ao passo que o povo de Roma se delectava, vendo o seu *Forum* predilecto a ornar-se de dia para dia com primores d'arte, cada vez mais bellos e grandiosos, iam os imperadores cercando as liberdades publicas até as trocarem em escravidão. E assim aquelle povo, que derrubara o throno de Numa Pompilio, porque n'elle se veiu sentir um rei indigno de reinar, assistiu contrastado e impassivel ao incendio, que o imperador Nero mandou lançar a Roma, para se recrear com o espectáculo de uma grande cidade a arder em chammas! O *Forum* passou então a ser a arena das discordias civis, e o theatro de infamias e crimes.

Por este modo se acha escripta n'aquelle lugar a historia completa dos gloriosos feitos da liberdade, e das torpezas da escravidão, do brilhante poder e da lenta agonia, dos ruidosos prazeres e das intimas dores d'essa cidade, fadada para ser duas vezes rainha do universo, rainha quando empunhava o sceptro dos Cesares, e novamente rainha cingindo a fronte com a thiara pontificia!

A estampa, que publicamos, mostra uma parte do antigo *Forum romanum*. No primeiro plano elevase a columna de Phocas, inaugurada em honra d'este tyranno pelo exareo Smaragdus. No centro do segundo plano avultam o magnifico arco triumphal levantado pelo senado ao imperador Septimo Severo, o formoso portico do templo da Fortuna, e o resto das columnas do templo da Concordia. No fundo ergue-se o convento de *Ara Celi*, edificado sobre as ruinas, e com os materiaes do celebre templo de Jupiter Capitolino. A torre, que parece coroar este convento, pertence ao palacio do senador, que occupa o centro do moderno capitolio.

O *Forum* era guarnecido de muitos outros monumentos, de alguns dos quaes se conservam ainda preciosas reliquias.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

PERSONAGENS.

D. BRITALDO, senhor de Riba-Côa.
CASTINALDO, seu filho.
D. EGAS, abade da casa de Riba-Côa.
D. MENDO LAUDES, O DE FARIA.
D. GIRAL RAIMONDES, conselheiro e senhor da Riba de Vizeira, da casa de Riba-Côa.
PELAYO, escudeiro.
D. SISNANDO UYRIZ, O ESPADA, senhor de Riba-Dão.

D. BRAVO BRAVES, alferes.
ARCHIBALDO BERENGUER, escudeiro catalão.
MAHUD, alkaid.
O ABBADE DE LORVÃO, EUSEBIO.
O DISPO DE COIMBRA, D. MAURICIO.
ALVA ESTRELLA.
BERTHA.
GONDEMAR.

Clientes da casa de Riba-Côa, clientes da casa de Riba-Dão, campeadores, pagens, escudeiros, ricos homens, guerreiros musulmanos, guerreiros de Coimbra, consules, donzellas, etc.

Epoca — Anno de 1107, principio do governo do conde de Coimbra. D. Henrique. Segundo cêrco de Coimbra pelos sarracenos.

ACTO I.

Um terreiro. — Os paços do senhor de Riba-Côa, á esquerda, com o portico assombrado de faias e plátanos; arvoreda á direita; ao fundo em perspectiva Coimbra ao pôr do sol, sobressaindo o vulto negro da sé, torreada, e ameada.

SCENA I.

D. Britaldo no lugar principal, á porta dos seus paços, á sombra dos plátanos. Castinaldo em pé á sua direita. D. Giral á sua esquerda. O resto dos parentes em semi-circulo, assentados em roda de uma larga mesa. Famulos e clientes em chusma de pé. Escudeiros e pagens ao fundo.

CASTINALDO — Vá, meus irmãos, o derradeiro brinde, e a derradeira taça. Pelo exterminio completo dos de Riba-Dão!

D. BRITALDO — Silencio, filhos, silencio! Quem celebra tão alto o triumpho, é porque se julgou bem perto da derrota. Os de Riba-Dão são uma raça real, podem reunir-se qualquer dia...

CASTINALDO — E sois vós, que tal dizeis, senhor pae? Não é porventura um anniversario esta festa? Faz hoje dezeseis annos, que os vencemos a todos, e de então para cá...

D. GIRAL — Ficámos nós, os de Riba-Côa, senhores em Coimbra. Nas margens do Mondego e nos campos de Leão não ha familia mais poderosa do que a nossa. Os de Riba-Dão não nos tornam mais a apparecer na cidade.

CASTINALDO — E não tornam, senhor D. Giral, não tornam, *(feramente)* que ao lado temos nós um mandado mais eficaz e potente, que editos de consules, ou o sello do imperador.

D. BRITALDO — Calae-vos ahí, filho! Só conheceste os de Riba-Dão n'um recontro, e eu...

CASTINALDO — Mas foi n'um recontro mortal, em que poucos d'elles ficaram.

D. BRITALDO — Ha que tempo é uso nas Hespanhas erguerem os filhos a voz em quanto fallam os paes?... *(Castinaldo curva a cabeça com humildade — pausa — D. Britaldo continua)* Só conheceste os de Riba-Dão n'um recontro, e eu vi-os muitas vezes, ou na minha frente como adversarios, ou a meu lado como soldados da cruz... Que o digam os nossos... que o diga o moiro... E' uma raça real... *(murmurios)* E... *(autorizado e com gesto Augusto e soberanamente venerando)* E... que o digo eu! *(silencio geral)* Se os de Riba-Dão se somem hoje, algum dia os vereis descer dos seus castellos roqueiros á planicie. Não vos enganeis, filhos... Pouco verá quem não vir uma nova geração, quasi educada nas nuvens, tão rija, tão ferra, tão robusta como a primeira, cair-nos ahí...

D. GIRAL — Venham embora... Temos ainda os peitos, e as espadas que tinhamos.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Bem, D. Giral, bem. *(de pé)* Nem vós, meu primo, nem vós, filha, nem vós outros, parentes de Riba-Côa, nem vós, nem nenhum, nem ninguém lhes tem mais valente rancor do que eu. Embora venham... Deus sabe se os desejo ver frente a frente... Mas nem por isso deixo de dizer o que são, e o que valem. Não golpearam nunca senão pelos peitos... *(pausa)* São dignos de nós.

D. BRITALDO — Deus não marcou embalde a ve-lhice. Deus concedeu aos velhos em prudência o que deu aos moços em vigor.... Eu tenho já olhado fito para o fundo da minha alma, e muito, e muito tempo.... e ao pé d'esses odios herdados, longos, rijos, e cortantes como as nossas espadas, e, como ellas, temperadas no sangue, apar d'elles vos digo, filhos, que achei lá dentro um remorso.

D. GIRAL — Um remorso?

CASTINALDO — Remorsos!

D. BRITALDO — Remorsos, sim, porque ao passo que recolho a vista na contemplação de mim mesmo, alongo os olhos por essas terras de Hespanha, e vejo o estandarte das luas campeando diante dos nossos muros. Sim, filhos... estes rancores, estas fezezas, são um crime, são.... Homens da mesma terra, e da mesma lei a brigarem no campo como contrários!... As Hespanhas assim caminham de novo á sua ruína... As nossas divisões, os nossos odios, estas guerras parciais e sangrentas em cada villa... em cada rua... em cada casa... são uma traição... traição tão negra, e tão feia, como a d'aquelle conde vil, que deitou a perder os godos nossos avós!... Nós deitamos a perder a patria como elle, e perdemos-nos com ella!

CASTINALDO — Mas os guerreiros de Riba-Dão...

D. BRITALDO — Não os ha.... não os havia melhores em todas as Hespanhas... E nós privámos Coimbra, e a raia dos seus braços... (*longo silencio*) Fomos criminosos, já o disse.

CASTINALDO — Queríeis então, meu pae, que nos abraçassemos com elles, e acabassemos o homisio!

D. BRITALDO — Não: queria que fossemos combater, mas não frente a frente... para a par, e contra o moiro.

CASTINALDO — E havíamos de pôr de parte todas as memorias...

D. BRITALDO — Todas. Quando já não houver infieis nas Hespanhas, quando o pendão da cruz ondear livre e sem risco até onde os olhos possam alcançar, então poderemos dar largas ás nossas iras particulares, ás claras, perante Deus e os homens; antes d'isso, não... só se fór n'algum canto, bem retirado, bem fora da luz do sol, e dos olhos da christandade, bem ermo, e bem escuro para occultar uma vergonha!... Esses tempos de completa liberdade para a nossa lei e para os nossos odios, não os verei eu talvez... nem vós, meus filhos... nem vós, meus netos... Deus sabe quem os verá... Mas para que venham a chegar algum dia, façamos por ora sacrificio das nossas inimidades, e leguemol-as intactas aos que vierem depois de nós.

(*Entra um cavalleiro de rosto coberto, capello de ferro, loriga e armas de escuro, com o manto branco dos cavalleiros de Jerusalem; atravessa por entre a chusma, que se afasta respeitosa, e aproxima-se sem que o vejam os tres*).

CASTINALDO — Pois quereis que nos esqueçamos...

D. BRITALDO — De tudo... menos da patria!

(*O cavalleiro chega n'este momento proximo ao estrado de D. Britaldo, estende a mão, e toma a taça cheia que Castinaldo depozera na mesa*).

SCENA II.

OS MESMOS E O CAVALLEIRO.

CAVALLEIRO — Um brinde a vós, D. Britaldo, conde... São nobres palavras essas que heis dito ahi. Merece por ellas, ancião... em nome das Hespanhas. (*bebe. Erguem-se todos*).

D. GIRAL — E quem?

D. BRITALDO — Quem sois?

CASTINALDO (*feramente*) — Quem ousa vir fazer brindes atrevidos ao meio dos de Riba-Côa?

CAVALLEIRO — Quem tem ousado já mais do que isso.

CASTINALDO (*com a mão na espada*) — Quem sois?

CAVALLEIRO — Perguntaes, ou ameaçaes?

D. BRITALDO — Perguntamos.

CAVALLEIRO — Responder-vos-hei a vós, D. conde: sou um cavalleiro oblató.

D. BRITALDO — Isso mesmo. O manto de Jerusalem que vos cobre o diz. Andastes por terras da Palestina?

CAVALLEIRO — Andei; chego de lá.

CASTINALDO — Mas o vosso nome?... É o nome que...

CAVALLEIRO — Não tenho nome.

CASTINALDO — Não tendes! E vindes aqui...

CAVALLEIRO — Não tenho por ora.

D. BRITALDO — Percebo; cumpris um voto.

CAVALLEIRO — E' um voto. Ha dezeseis annos e um dia.

CASTINALDO — Dezeseis annos!...

CAVALLEIRO — Os dezeseis annos cumprem-se hoje. O dia chegará quando Deus quizer. Guardes-vos Deus, senhores. (*afasta-se lentamente*).

CASTINALDO — E assim vem interromper as alegrias da nossa festa! e assim se vae sem dizer... Havemos de consentil-o nós!... (*movimento*).

CAVALLEIRO (*parando ao fundo*) — Castinaldo, D. Castinaldo, soçegae. Talvez chegue breve a hora em que vos eu possa dizel-o. Proeurae escutal-o então com tão bom animo como agora m'o perguntaes. (*sae lentamente*).

CASTINALDO — E vae-so!.... E deixamol-o ir? (*movimento*).

D. BRITALDO — Deixae-o, sim; deixemol-o ir!... E' voto. Já se não respeitam votos acaso? Seja quem fór, que o cumpra.

Continua.

O engeitado.

Continuação.

VIII

Muito ao longe, ali, nos serrões
D'entre escarpas empinadas
Que cortam a immensidade,
Em silvestres cumiadas
Vigias da soledade,
Sobre o tópo da montanha
Negro vulto se desenha
A fictar o mar deserto...

IX

Costumava por deshoras,
Quando prestes as auroras
Tingiam do ceo a face,
O engeitado, o pobre orphão
Postar-se em erguida roca
Sobranceira ao largo mar,
A dar largas á voz louca
De seu funebre penar!
Contemplava o mar e ceo,
Contemplava-os com saudade;
Pobre!... descrito da vida,
E do berço em orphanidade,
Co'o rouco murmur das aguas
Misturava suas magoas,
E co'os eccos da soedade!...

X

Os olhares desvairados
Espairece pelo ceo;
Vasto e tetrico escarceo,
Onde a esp'rança já myrrhada
Se vae desfazer em nada,
Aonde bate, e morreu!...
Chora, geme, e a saudade
Negra, o peito lh'entumece,
Quer esquecer, não lembrar,
Mas a magoa não lhe esquece...
Eis que sorri, e com tristeza,
Como as flores se sorriem
Por a tarde a horas meigas,
Em que o ceo e a natureza
Se revestem de saudade,
Quando a luz do sol os deixa,
Quando a luz do sol s'evade!

XI

Tinha na terra uma amante,
Que amava como se ama
A vez primeira; n'um stante
Gélido sopro da morte,
Qual ravenada do norte
A vida lh'arreatou...

XII

Mas sem patria, sem amigos,
Do misero que será?
Quem da vida aos agros p'rigos
A barreira lh'impôra?...
Onde essa voz da amizade,
Que chorando-lh'orphandade
Os consolos lhe dará?...

A patria diz-lhe vergonha!
E os amigos onde estão?...
Passa-lhe a vida medonha
No pranto, na solidão!
Nem um só lhe disse — vem!
Que infeliz eu sou tambem,
E choremos em junção!

Nem jámais de nobre peito
Um só gemido saui;
Pranto ao menos contrafeito
Os ouvidos lhe feriu!
Baqueou á desventura,
E nem sorrir d'alma pura
Meigos labios entreabriu!

Traz na fronte que é 'spressiva
Escrepta a fatalidade,
Mas ergue-a nobre e altiva,
Só pendida p'la saudade!...
Temerario encara o mundo,
E n'um sorriso profundo,
Dá-lhe o 'styigma de maldade!

Não se prostra, nem se humilha
Do mundo ás torpezas mil;
Porque n'alma lhe não brilha
O caracter de servil!
Se mofa da crença e fé,
E' que as viu cair d'empé,
Inda em quadra juvenil!

Continua.

H. VAN-DEITERS.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE BEJA.

Concelho d'Aljustrel.

III. mos Srs.

Messejana — José Corrêa Ramos Soares.

Dito de Albitó.

Torrão — Joaquim Moreira da Silva.

Dito de Beja.

Salvada — Antonio Gonçalves Pereira Leal.

Dito de Castro Verde.

Santa Barbara — Joaquim José Lamprêa.

Dito de Cuba.

Villa Ruiva — Antonio Pereira de Carvalho.

Dito de Mertola.

Corte do Pinto — Manuel José Dias.

Dito de Serpa.

Brinches — João Pedro Torres.

Dito da Vidigueira.

Selmes — Domingos dos Santos.

DISTRICTO D'ÉVORA.

Concelho d'Alandroal.

Terena — Antonio da Rosa Munhoz.

Dito d'Arrayolos.

Vimieiro — José Maria Sardinha.

Dito de Monte-mor o Novo.

Mora — Joaquim Vicente da Gama.

Dito de Portel.

Oriolla — José Maria Varella.

DISTRICTO DE PORTALEGRE.

Concelho d'Alter do Chão.

Sêda — João da Gama e Silva.

Dito d'Aviz.

Montargil — Bartholomeu Courinha.

Dito do Crato.

Gafete — Antonio Caetano da Guerra.

Dito de Fronteira.

Veiros — José Maria d'Albuquerque.

Dito de Niza.

Montalvão — José Bento Frausto.

Dito de Portalegre.

Alegrete — Francisco Jeronymo Delicado.

Continua.